

Entre memórias e reflexões sociológicas: experiências de extensão universitária na escola zumbi dos palmares

Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Departamento de Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – Profsocio, na UFPR.

E-mail: marisetehh@gmail.com

Valéria Floriano Machado

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – Profsocio, na UFPR.

E-mail: vfloriano@gmail.com

Camilla de Sousa dos Santos

Graduanda do Curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi bolsista do Projeto “Direitos sociais, inovação e disseminação de memórias de luta na Vila Zumbi dos Palmares em Colombo/PR”, financiado pela Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI).

E-mail: camillasous1@gmail.com

Rafaela Berger Pereira

Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi bolsista do Projeto “Direitos sociais, inovação e disseminação de memórias de luta na Vila Zumbi dos Palmares em Colombo/PR”, financiado pela Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI).

E-mail: rafaelaberger816@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência apresenta uma extensão universitária desenvolvida na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) que teve por objetivo resgatar e registrar memórias de luta da comunidade Zumbi dos Palmares, a partir de experiências juvenis. Teoricamente, Paulo Freire, bell hooks, Maurice Halbwachs, Norbert Elias e Georg Simmel nortearam a discussão. Metodologicamente, foram realizadas duas atividades com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio no espaço da escola e da vila, respectivamente, a construção de relicários para o trabalho da memória e uma oficina de *lambe-lambe*. Entre os resultados, destaca-se a relação universidade e escola e a centralidade da interação na produção e recuperação da memória coletiva.

Palavras-chave: escola; experiências juvenis; extensão universitária; memórias; sociologia.

Abstract: This experience report describes a university extension developed in the Metropolitan Region of Curitiba that aimed to rescue and record the fighting memories of the Zumbi dos Palmares community based on youth experiences. Paulo Freire, bell hooks, Maurice Halbwachs, Norbert Elias, and Georg Simmel theoretically guided this discussion. Methodologically, two activities were carried out with students in their first high school year in the space of their school and village, respectively: the construction of reliquaries for memory work and a *lambe-lambe* workshop. Results highlight the relation between university and school and the centrality of interaction in producing and recovering collective memory.

Keywords: school; youth experiences; university extension; memoirs; sociology.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo¹ relata a experiência de uma atividade extensionista realizada no Colégio Estadual Zumbi dos Palmares, intitulada “Memórias e histórias da escola Zumbi dos Palmares: o uso de imagens na (re)construção da memória das histórias de luta da comunidade”. Essa atividade foi parte do projeto “Direitos sociais, inovação e disseminação de memórias de luta na Vila Zumbi dos Palmares em Colombo-PR”, desenvolvido pelo Programa de Desenvolvimento Urbano e Regional (PDUR), vinculado ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no decorrer do ano de 2022.

A Vila Zumbi dos Palmares foi escolhida para a realização do projeto porque é um bairro popular da cidade de Colombo, Região Metropolitana de Curitiba (RMC), que concentra aspectos da realidade brasileira no que diz respeito às periferias urbanas. A cidade possui uma população de 232.056 pessoas, com densidade demográfica de 1.174,49 habitantes por km², e um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,733². Um dos extremos da vila é contornado pela BR-116, e seu outro extremo, contornado pelo Rio Palmital, um rio de manancial, o que coloca a vila numa Área de Proteção Ambiental (APA), com regras que priorizam a sustentabilidade dos recursos naturais. Sua ocupação remonta a maio de 1991, quando mais de 300 famílias, sem ter onde morar, realizaram a apropriação daquele espaço e o nomearam Vila Zumbi dos Palmares. Nos primeiros anos que se seguiram à fundação, sua história foi marcada pela precariedade e ausência de infraestrutura. A desigualdade social, já revelada pelos fatores supracitados, se tornou ainda mais evidente no início

1 Versão revisada e ampliada de trabalho apresentado no 8º Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESB), realizado em Belém (PA), em 2023.

2 IBGE. **Cidades**. Colombo. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/colombo/panorama>. Acesso em: 28 nov. 2024.

- Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski, Valéria Floriano Machado, et al.

dos anos 2000, quando o Alphaville, um empreendimento de condomínios de luxo, passou a fazer fronteira com a ocupação. Não obstante, em 2005, a Vila Zumbi foi cenário de um projeto-piloto de regularização fundiária e urbanização de áreas precárias no estado do Paraná, por meio do Programa Direito de Morar, desenvolvido pela Companhia de Habitação do Paraná (Cohapar) em parceria com o governo estadual, na gestão de Roberto Requião.

Nesse cenário, o projeto de extensão realizado se propôs a conhecer mais sobre a história do bairro, da ocupação à regularização, atuando para recuperar suas memórias, registrá-las e disseminá-las mediante a produção de um documentário, a realização de oficinas e a escrita de textos acadêmicos sobre a Vila Zumbi dos Palmares. Para tanto, um dos encaminhamentos do projeto foi compreender o lugar da escola na construção da memória da vila, partindo do pressuposto de que o registro da memória não oficial é o que possibilita o não apagamento da história de determinados grupos sociais³.

Foi no espaço da escola – fundada em abril do ano 2000 e com aproximadamente 1.200 alunos matriculados no Ensino Fundamental II e Médio no ano de 2022 – que se realizaram as duas atividades/oficinas que deram origem às considerações aqui apresentadas, construídas entre memórias e reflexões sociológicas: a construção de relicários e a oficina de lambe-lambe, visando, respectivamente, a recuperação e a disseminação de memórias. Tais atividades, desenvolvidas a partir de experiências de estudantes de três turmas do primeiro ano do Ensino Médio, consideraram que a escola, além de ser fundamental no processo de formação e socialização, é um espaço rico e diverso de construção e compartilhamento de experiências e memórias.

2. METODOLOGIA

A extensão realizada na escola teve como objetivo central conhecer as memórias da Vila Zumbi, a partir do compartilhamento de experiências e resgate de memórias individuais e familiares de estudantes secundaristas, promovendo a ideia de pertencimento. Para alcançá-lo, estabeleceram-se como objetivos secundários: possibilitar a integração entre universidade, escola e comunidade; contribuir para a participação dos jovens na produção e significação das memórias e dos espaços da vila; desenvolver metodologias de ensino que dialoguem com o cotidiano da população local; democratizar o conteúdo produzido na universidade; reconhecer e valorizar os conhecimentos da juventude; contribuir para a formação em pesquisa/extensão e licenciatura dos estudantes universitários.

A inspiração inicial foi um curso de preparação para o trabalho de campo denominado “Como se faz: registro e produção de suportes de memória”⁴, realizado na UFPR. O trabalho da memória nos estudos sociológicos, a importância da oralidade nas narrativas produzidas, a fotografia como potencialidade no registro e recuperação da memória e a notabilidade do sentimento em meio ao processo de estudo de campo foram temas aprimorados. Uma atividade,

3 HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

4 O curso foi ministrado pela Profa. Dra. Ana Luísa Fayet Sallas, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR, referência em estudos relacionados à juventude e sociologia das emoções.

em especial, foi essencial nessa tessitura: a produção de relicários, que articulam imagem, memória e sentimentos.

A entrada na escola, realizada após autorização da equipe diretiva, foi feita de forma bastante planejada e ocorreu no período de 27/09 a 19/11/2022 (Quadro 1). Didaticamente, num primeiro momento, que consistiu em duas aulas para cada uma das três turmas, buscou-se trabalhar a tríade sociologia, memória e emoção, demonstrando como esses três elementos se relacionam entre si. Em seguida, estabeleceu-se um diálogo com os estudantes com o intuito de escutar suas histórias acerca de como é morar na Vila Zumbi, quais atividades realizam e os espaços de sociabilidade que frequentam fora do contexto da escola, quando suas famílias mudaram para o bairro e o que seus familiares contam sobre o passado do lugar. Depois dessa interação inicial, os estudantes foram convidados a participar, com suas histórias e experiências, da construção de relicários e da oficina de lambe-lambe. Ressalta-se que 66 estudantes participaram da maioria das atividades propostas, sendo que a única com um número reduzido foi a segunda parte da oficina de lambes, que aconteceu num sábado pela manhã, nas ruas do bairro.

Quadro 1: Atividades desenvolvidas na escola Zumbi dos Palmares

Atividade	Descrição	Período de realização
Apresentação	Apresentação da atividade de extensão e articulação do individual e coletivo, a partir dos conceitos de sociologia, memória e emoção	27 e 28/09/2022 (2 h/a em cada turma)
Relicários	Construção de um painel na sala de aula com fotografias trazidas pelos estudantes	29 e 30/09/2022 (2 h/a em cada turma)
Lambes – 1ª parte	Confecção de cartazes com fotos, desenhos e colagens sobre a história da Vila Zumbi	04 a 07/10/2022 (1 h/a em cada turma)
Lambes – 2ª parte	Colagem de lambes pelas ruas e muros da Vila Zumbi	19/11/2022 (4 horas)

Fonte: Elaboração própria (2022).

Para a construção dos relicários, os estudantes trouxeram fotografias que consideravam relevantes em suas trajetórias de vida, de casa para a escola, e montaram um painel no quadro com essas imagens. Em seguida, foram instigados a falar sobre essas imagens, percorrendo sobre seus significados e sobre o que representavam para eles. Por fim, foram convidados a escolher uma palavra para sintetizar os sentimentos evocados no rememorar e narrar a história vivida ou apreendida. A experiência foi profícua posto que suscitou emoções, envolvendo uma troca rica entre estudantes, extensionistas e a professora de Filosofia e Sociologia das turmas que participou das atividades realizadas na escola e as articulou com os conteúdos trabalhados em suas aulas.

A segunda oficina, de lambe-lambe, foi desmembrada em duas partes, sendo uma dentro e outra fora dos muros da escola. Na primeira parte, com as imagens utilizadas na oficina dos relicários, foram feitas montagens diversas

- Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski, Valéria Floriano Machado, et al.

em cartazes para lambes – imagens para serem coladas em muros e postes – que contassem a história da Vila Zumbi. Entre fotografias, letras de músicas, desenhos, escritas e histórias individuais, foram surgindo cartazes, pôsteres artísticos, que atribuíram sentidos e significados à história da vila; fragmentos de uma história coletiva que emergiu entre memórias e afetos.

O envolvimento foi grande. Um dos grupos, formado por cerca de oito rapazes, começou a cantar o funk carioca Rap da Felicidade, lançado por Cidinho e Doca em 1994: “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde nasci, e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar”, fazendo uma alusão à própria vila, onde a maioria nasceu. Uma das estudantes relatou que, embora estudasse com os meninos desde o sexto ano, nunca tinha visto eles tão animados e empenhados numa atividade dentro dos muros da escola. O objetivo foi alcançado e, além do engajamento e do compartilhamento de experiências juvenis, o entrelaçamento entre indivíduo e sociedade⁵, biografia e história, memória individual e coletiva⁶ foi evidenciado na tessitura dos lambes (Figura 1).

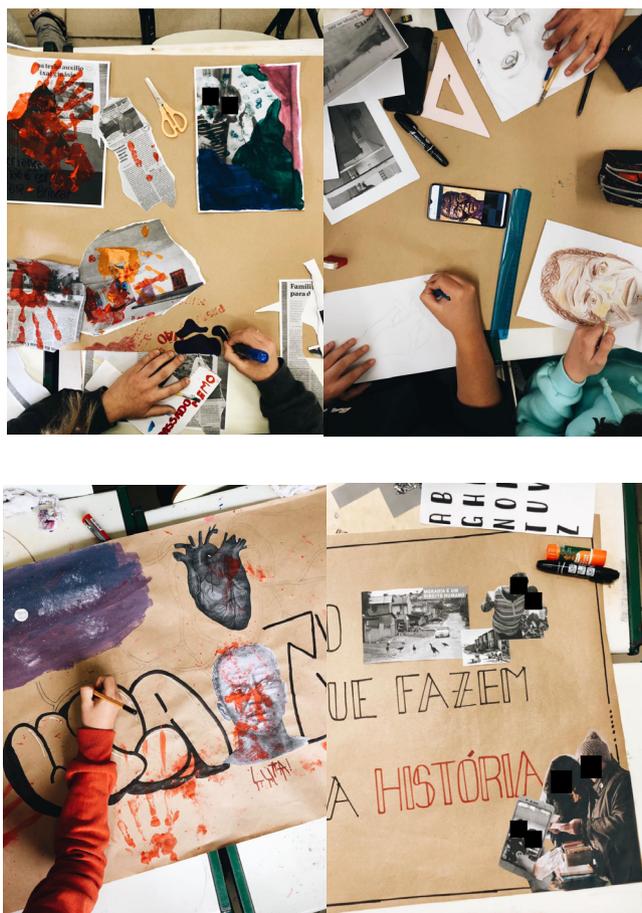


Figura 1: Preparação dos lambes sobre a história da Vila Zumbi

Fonte: Acervo do projeto Direitos sociais, inovação e disseminação de memórias de luta na Vila Zumbi dos Palmares em Colombo (PR). Fotografias: Annie Libert, 2022.

5 ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

6 HALBWACHS, Maurice. *A Memória...* Op. cit.

A segunda parte da atividade consistia em disseminar esses cartazes e colar os lambes em diferentes espaços. As paredes da escola e os postes e muros da Vila Zumbi ganharam cores e enredos, trazendo pedaços, retalhos de uma história coletiva. Esse processo de rememorar, ressignificar e entrelaçar memórias individuais e coletivas – que teve sua disseminação por meio dos lambes gravada por discentes da área da comunicação que atuam na Agência Escola da UFPR para a elaboração de um documentário sobre o projeto –, seguiu os preceitos éticos e um cuidado na construção para evitar exposição indevida ou constrangimento aos participantes. Foi instigante ver jovens estudantes intervindo no espaço em que vivem, convivem e criam memórias, contando uma história que envolve a luta de uma coletividade no processo de ocupação e regularização do bairro.

Por fim, é importante destacar que a percepção de que todo o aprendizado do primeiro curso de extensão, realizado no espaço acadêmico, foi utilizado para gerar um novo aprendizado, agora no contexto escolar, e fez com que a relação de indissociabilidade defendida pela universidade entre ensino, pesquisa e extensão fosse compreendida na realidade concreta, alinhando teoria e prática.

3. POR UMA SOCIOLOGIA DA MEMÓRIA E DA EMOÇÃO: ENTRELACANDO TEORIA E PRÁTICA

A entrada em sala de aula para desenvolver as atividades extensionistas com estudantes secundaristas, no sentido de resgatar suas memórias e experiências juvenis, exigiu a retomada de um conjunto de termos centrais para alicerçar as discussões entre sociologia, memória e emoção. A intenção não era aprofundar conhecimentos sociológicos, mas mostrar o entrelaçamento entre indivíduo e sociedade, memória individual e coletiva, teoria e prática. Vários autores ajudaram nessa empreitada: Georg Simmel, Norbert Elias, Maurice Halbwachs, Paulo Freire e bell hooks.

Com Simmel e Elias, a dicotomia presente no pensamento sociológico entre indivíduo e sociedade é superada. A sociedade, em Simmel⁷, é um processo dinâmico de relações sociais e interações entre os indivíduos. Estes possuem autonomia, por um lado, mas, por outro, são dependentes de uma rede de relações, o que gera uma tensão constante entre a individualidade e a socialidade. Os indivíduos tentam afirmar sua individualidade, mas também precisam se adaptar às regras e normas sociais, o que, obviamente, pode gerar conflito. Simmel considera que o conflito desempenha um papel integrador ao resolver tensões e promover a adaptação e a mudança social, a estabilidade e a transformação. Assim, os indivíduos são tanto criadores quanto produtos da sociedade, na medida em que as ações individuais ajudam a construir e sustentar as estruturas sociais que, por seu turno, influenciam e moldam as ações e identidades individuais.

7 SIMMEL, Georg. O problema da sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Simmel: Sociologia*. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1983.

- Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski, Valéria Floriano Machado, et al.

Para Elias, a vida social só pode ser pensada a partir de uma rede de interdependência entre os indivíduos, que vivem, amam e entram em conflito em sociedade: “é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras, a ela e nada mais que chamamos ‘sociedade’. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos ‘estruturas sociais’”⁸. Elias denomina como figuração ou configuração essas formas de interdependência que apresentam tamanhos variáveis – uma sala de aula, uma universidade, um bairro, uma cidade, uma nação, entre outros exemplos – e relações diversas, mas sempre marcadas por dominação e poder. Ao estudar a configuração da sociedade de corte de Luís XIV, Elias destaca que todos os indivíduos estão presos na teia de interdependência, mas que aqueles que dependem menos dos outros detêm mais poder. O autor esclarece também que, no exercício de compreender essas redes de relações interdependentes, “todas as figurações formadas pelos indivíduos, todos os agrupamentos sociais são equivalentes”⁹. E ainda:

A variabilidade dessas conexões humanas é tão grande e diversificada que, pelo menos em termos das dimensões restritas e das lacunas de nosso saber atual, não se pode imaginar nenhuma investigação objetiva de uma figuração humana ainda não pesquisada, e de seu desenvolvimento, que não traga nada de novo para a compreensão do universo humano, para a compreensão que temos de nós mesmos¹⁰.

Halbwachs, por sua vez, ajudou a refletir sobre a construção da memória coletiva, na medida em que defende o entrelaçamento da memória individual com a da coletividade: “As lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e como objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”¹¹. As lembranças individuais estão ancoradas em outros indivíduos e grupos, resultando de uma rede de relações e interações. Ademais, a memória se apoia na “história vivida”, experienciada pelo indivíduo em um determinado contexto sócio-histórico; é ele que lembra, tendo por base o presente e amparado nos outros com quem interagiu. Em outros termos, o exercício de relembrar é um processo socialmente mediado no qual as memórias são reconstruídas e reinterpretadas dentro dos quadros sociais, dos contextos socio-culturais e históricos compartilhados por um grupo. Esse processo mantém as memórias vivas e, ao mesmo tempo, reforça as identidades individual e coletiva.

Com Freire, advém a compreensão de que a emoção é inerente à prática educativa. A escuta, o diálogo, a ética, o comprometimento, a “convivência amorosa” com estudantes e a percepção de que educar é uma maneira de intervir no mundo¹² atuaram como princípios norteadores no trabalho com jovens estudantes. Princípios que pressupõem a educação como prática de liberdade¹³, que possibilitam o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia. A prática educativa, construída com amorosidade e ética, atua para libertar os indivíduos das opressões e condicionamentos sociais, ajudando-os a se tornarem ativos na construção de suas próprias vidas e da sociedade.

8 ELIAS, Norbert. **A sociedade dos...** Op. cit. p.23.

9 ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 34.

10 Ibidem.

11 HALBWACHS, Maurice. **A Memória...** Op. cit. p. 30.

12 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

13 FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

O pensamento de Freire é retomado por bell hooks, que defende uma pedagogia engajada, transformadora, que dá voz aos grupos silenciados, “que ousa subverter a cisão entre mente e corpo e nos permite estar presentes por inteiro e, conseqüentemente, com todo o coração, na sala de aula”¹⁴. A educação deve ser um ato de libertação e transformação, construído com amor e respeito mútuo a partir do diálogo e da participação de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Isso exige uma perspectiva interseccional que considere as complexas interações entre raça, gênero e classe e que, em consequência, respeite a diferença e promova a inclusão, viabilizando uma pedagogia crítica ao mesmo tempo profundamente pessoal e politicamente engajada.

Nesse sentido, considera-se que esse conjunto de termos só existe a partir da existência de vida. A sociologia como ciência se estrutura a partir do estudo da sociedade que se constitui na interação, na rede de relações e de interdependência entre indivíduos. Nesse ínterim, a memória se consolida a partir das vivências e trajetórias de indivíduos que vivem e interagem em sociedade, sendo, portanto, perpassados inevitavelmente pela emoção.

A partir disso, e seguindo Freire, é possível identificar três elementos que estão em constante transformação e são por excelência inacabados: o mundo, o sujeito e o conhecimento. Se o ser humano é inacabado, o mundo também o é, pois quem o constitui é esse sujeito inacabado. Assim também se dá com o conhecimento, posto que ele é produzido por sujeitos inacabados e está situado num mundo inacabado. Em outros termos, a vida está em movimento, porque é inacabada.

Destarte, compreende-se, aqui, a educação como resultado de um processo de constante inacabamento, considerando que é “na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente”¹⁵. Processo que só pode ser pensado numa via de mão dupla, pois o ensino presume a aprendizagem. Isso implica considerar que o sujeito do conhecimento é, também, sujeito de aprendizado. Nessa perspectiva, a abordagem com estudantes deve ser norteada pelo pensamento de que “aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender”¹⁶.

Essa concepção de educação vai ao encontro de questionamentos formulados acerca do caráter extensionista da atividade. A extensão universitária como proposta de estender o conhecimento do ensino superior à comunidade não acadêmica pode ser bastante problemática, inclusive pelos termos utilizados. Ensino “superior” e comunidade “não acadêmica” parecem se organizar hierarquicamente, reproduzindo a velha dicotomia entre ciência e senso comum, saber científico e saber popular. Essa dicotomia é questionada por Freire, que entende a extensão como uma forma de comunicação, como uma ação dialógica entre conhecimentos diversos: “Repetimos que o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”¹⁷.

Nesse sentido, a proposta era, por meio da já aludida troca de experiências, construir conhecimento com a comunidade, aprender ouvindo suas

14 hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 256.

15 FREIRE, Paulo. **Pedagogia...** Op. cit. p. 57.

16 FREIRE, Paulo. **Pedagogia...** Op. cit. p. 26.

17 FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 22.

- Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski, Valéria Floriano Machado, et al.

experiências como sujeitos no mundo e ensinar a partir de conhecimentos e, também, da experiência universitária. Posto isso, a intenção não era ensinar sobre a história da vila, sobre pertencimento e resistência, mas aprender observando diferentes experiências juvenis e resgatando memórias individuais, sempre entrelaçadas à memória coletiva. O intuito principal era refletir coletivamente sobre a memória da vila, a partir da prática da ação dialógica, propondo formas de resgate e registro dessa história.

As contribuições de bell hooks acerca da valorização da experiência nas práticas da educação foram vitais nesse aspecto. Quando as atividades no colégio se iniciaram, partiu-se do pressuposto de que as experiências dos estudantes seriam fundamentais para reconstruir a memória da ocupação e para identificar o sentimento de pertencimento em relação à escola e à vila. Acreditava-se que não seria possível aplicar teorias sociológicas nas oficinas sem as associar à vida material, afinal:

Quando nossa experiência vivida de teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra¹⁸.

Tendo situado o valor da experiência na prática das oficinas, procurou-se enfatizar a relação pessoal de cada um dos estudantes com a vila e os impactos da história daquele lugar em suas vidas no âmbito familiar, nos espaços de sociabilidade do bairro e especialmente na escola. Quando eles foram instigados a contar o que sabiam sobre o passado da vila, há quanto tempo moravam ali e a compartilhar memórias construídas naqueles espaços, o intuito principal era que percebessem sua identificação com a história vivenciada pela comunidade e pelo bairro. Afinal, como destacou bell hooks, a identidade é o que dá sentido à luta. “A política de identidade nasce da luta de grupos oprimidos ou explorados para assumir uma posição que dê objetivo e significado à luta”. E, ainda em consonância com o pensamento de Freire, prossegue a autora, “as pedagogias críticas da libertação atendem a essas preocupações e necessariamente abraçam a experiência, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimentos válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizado”¹⁹.

A partir disso, imaginava-se que se faria entre os estudantes uma consciência comunitária sobre o valor da memória individual para a recuperação da memória coletiva. Acreditava-se que, para os jovens protagonistas desse enredo, ficaria evidente que os eventos do passado da Vila Zumbi dos Palmares perpassavam suas vivências como indivíduos e como comunidade. Afinal, como bem lembra Halbwachs, “para que a memória dos outros venha reforçar e completar a nossa, é preciso também [...] que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado”²⁰. Assim, o pertencimento daqueles jovens em relação à escola e à vila se fortaleceria pela memória da história compartilhada.

18 hooks, bell. *Ensinando...*
Op. cit. p. 85-86.

19 *Ibidem*, p. 120.

20 HALBWACHS, Maurice.
A Memória... Op. cit. p. 30.

Outro ponto fundamental, evidenciado na primeira oficina realizada na escola, foi a disposição dos estudantes em escutar uns aos outros, valorizando a experiência dos demais, respeitando suas percepções da história da vila e acolhendo suas emoções afloradas pelo resgate das memórias individuais e, por extensão, das memórias sociais.

Novamente retoma-se bell hooks, que já havia sublinhado a sala de aula como um lugar de escuta e de valorização das experiências.

O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz. [...] Ajuda a criar uma consciência comunitária da diversidade das nossas experiências e proporciona uma certa noção daquelas experiências que podem informar o modo como pensamos e o que dizemos. Visto que esse exercício transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada, não negada nem considerada sem significado²¹.

As experiências juvenis, únicas e diversas, são fundamentais na escrita coletiva de um mesmo contexto social e foram imprescindíveis no resgate e na disseminação da memória da vila. Tal como fios de diferentes romances, essas experiências foram revelando antigas lembranças: “O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado”²². Mas, no decorrer desse processo de rememoração, os fios foram tecendo novas histórias, criando memórias do tempo atual, de jovens estudantes secundaristas que, em atividade de extensão e comunicação, estão, entre memórias e afetos, atribuindo significados a suas trajetórias e experiências individuais e coletivas.

Quando Freire discorre sobre a prática do ensino e seus percalços, ele faz uma indagação: “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina [...]?”²³. Nessa perspectiva, procurou-se, então, retomar a história da ocupação para falar sobre direitos sociais, moradia e direito à cidade. Buscou-se abordar os motivos que levaram as pessoas a ocuparem, os problemas sociais que constituíram o cenário da ocupação e as violações de direitos que ocorreram, assim como entender como esse processo afetou suas famílias e a eles mesmos.

Diante disso, foi possível observar na prática da sala de aula uma “participação enérgica” dos jovens estudantes, tal como sinalizado por hooks, a partir de sua identificação com a situação vivenciada: “Todos os alunos, não somente os de grupos marginalizados, parecem mais dispostos a participar energicamente das discussões em sala quando percebem que elas têm uma relação direta com eles [...]”²⁴. Como resultado que seguiu ao resgate das memórias, percebeu-se que houve, na segunda oficina, de confecção dos lambes, um expressivo senso de protagonismo na história da Vila Zumbi por parte dos estudantes. O relato da professora de Sociologia e Filosofia que acompanhou as oficinas é revelador: “A emoção de partilhar um pouco de si com os outros ao contar as histórias das fotos que trouxeram foi emocionante.

21 hooks, bell. *Ensinando...*
Op. cit. p. 114-115.

22 BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 413.

23 FREIRE, Paulo. *Pedagogia...* Op. cit. p. 32.

24 hooks, bell. *Ensinando...*
Op. cit. p. 118,

- Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski, Valéria Floriano Machado, et al.

Ver a felicidade e o orgulho deles em construir cartazes que seriam expostos no colégio e no bairro não tem preço”.

A espacialidade da memória se fez nítida àqueles jovens quando começaram a reconhecer as ruas em que moram como ruas que eram numeradas na ocupação. A sensação de pertencimento foi evidenciada quando perceberam que as paredes da escola, hoje de tijolos, foram, em outros tempos, salas improvisadas em containers; que as casas que habitam resultam da luta de suas famílias pelo direito à moradia. Junto a essa percepção, houve a manifestação do orgulho de fazer parte da história da Vila Zumbi, tal como pode ser constatado na fala de dois estudantes:

Hoje eu gostei muito do passeio que a gente teve com a universidade sobre o lambe. Achei muito top! Foi divertido colar os negócios pela vila. É uma história meio que antiga, né? De como tudo começou, a escola do jeito que foi criada... Minha mãe me contava que antes de eles chegarem não tinha casa, então tinha que invadir algum terreno, pra construir casas. Agora a vila tá bem mais tranquila, não tem mais tanta morte igual tinha antigamente. A escola foi tirando os jovens da rua e foi ensinando o estudo, né?²⁵ (S. G., estudante 1º ano EM)

Foi muito legal e foi um projeto bem intuitivo que conta a nossa história assim, da Vila Zumbi e do que a gente passou no começo. Foi uma história... Como que eu posso dizer? Bem triste, mas com o passar do tempo a Vila Zumbi foi se tornando um lar bem aconchegante, porque cada pessoa tem a sua história em si. É muito bom esse projeto porque a gente lembra o que os nossos antepassados passaram. E foi muito legal fazer esse projeto com o pessoal da universidade pra gente saber mesmo as histórias das outras pessoas que a gente não conhece [...]. Aqui tem um pouco do que o povo negro mesmo passou aqui. Como diz o próprio nome, Zumbi dos Palmares lutou até o final da vida dele pelo povo negro, isso é o que conta um pouco cada cartaz que aqui está, a vivência de cada um, o sofrimento que cada um passou. Conta um pouco de sofrimento, um pouco de luta... porque aqui passou muitas pessoas que hoje não estão aqui para falar sobre isso. Eu conheci histórias e pontos da Vila Zumbi que eu não conhecia mesmo morando aqui. (V., estudante 1º ano EM)

Ao reconhecerem a vila como o espaço onde toda essa história de resistência se desenvolveu, e a partir da qual todas essas memórias de luta se construíram, os estudantes se sentiram pertencentes a um lugar material, entendendo que indivíduo e sociedade não podem ser pensados separadamente. Na narrativa da professora: “Esta intervenção teve repercussões na vida de cada criança. Eles se viram como participantes, pessoas que fazem parte de uma comunidade e que têm orgulho de fazer parte”.

Não se pode deixar de frisar a importância do espaço nesse processo. Ele atua, como indica Halbwachs, como instrumento de recuperação da lembrança e de consolidação da memória coletiva:

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que

25 As falas dos estudantes foram gravadas durante a colagem dos lambes na vila, 19/11/2022, e estão presentes no documentário *UFPR Na Sua Vida – Memória Vila Zumbi*, produzido em parceria com a Agência Escola da UFPR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dQRrnSM5Clk>. Acesso em: 24 jun. 24.

podéssemos recuperar o passado, se ele não se conserve, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que apareça esta ou aquela categoria de lembranças²⁶.

Por fim, para compreender as dimensões do trabalho realizado nas oficinas, a construção da memória da vila a partir da escola e a emoção de todos os participantes envolvidos, recorreu-se à teoria sociológica de Simmel: “A sociedade existe onde quer que vários indivíduos entram em interação”²⁷. Na produção e recuperação da memória coletiva no espaço da escola, a interação, propiciada pela ação dialógica de Freire e pela pedagogia engajada de bell hooks, foi central.

De acordo com Simmel, o objeto de estudo da sociologia é a sociedade, mas nem tudo o que se realiza dentro do que se entende por sociedade é de fato objeto de estudo dos sociólogos. Simmel identifica como sociedade em si a interação entre os indivíduos. Esta categoria é, para ele, a junção entre forma e conteúdo da sociedade. Nesse sentido, afirma que:

Se, pois, deve haver uma ciência cujo objeto seja a sociedade, e nada mais, deve ela unicamente propor-se como fim de sua pesquisa estas interações, estas modalidades e formas de sociação. Tudo mais que se encontra no seio da “sociedade”, tudo o que se realiza por ela e em seus limites, não é propriamente sociedade, mas simplesmente um conteúdo que desenvolve esta forma de coexistência ou é por ela desenvolvido; somente se produz a figura real chamada “sociedade”, no mais amplo e costumeiro sentido do termo, quando se juntam conteúdo e forma²⁸.

Assim, compreende-se que a memória é sociedade porque se faz pela interação de indivíduos em temporalidades múltiplas. A memória se produz constantemente enquanto a vida em sociedade, movida pela interação ou pela interdependência²⁹, acontece em manifestação excelente de seu inacabamento. Além disso, a memória se reproduz quando recuperada. E, por fim, o trabalho da memória, da reconstrução do passado a partir do momento presente, se apoia nas lembranças vivenciadas com os outros e com as instituições da qual o indivíduo fez parte, de acordo com Halbwachs, reforçando tanto o entrelaçamento entre individual e social, quanto a importância da interação nesse processo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é parte integrante de uma extensão universitária sobre direitos sociais e memórias de luta na Vila Zumbi, bairro popular de Colombo, cidade da Região Metropolitana de Curitiba. Resulta das experiências vivenciadas, das discussões e interações realizadas especificamente no contexto escolar, no período de setembro a novembro de 2022, e teve como inspiração um curso

26 HALBWACHS, Mauri-
ce. *A Memória...* Op. cit.
p. 143.

27 SIMMEL, Georg. *O pro-
blema...* Op. cit. p. 59.

28 Ibidem, p. 61.

29 ELIAS, Norbert. *A socie-
dade dos...* Op. cit.

- Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski, Valéria Floriano Machado, et al.

de extensão sobre registro e produção de suportes de memória, realizado na Universidade Federal do Paraná.

Na escola, nomeada Zumbi dos Palmares, foram realizadas duas oficinas com jovens estudantes de três turmas do Ensino Médio: produção de relicários e confecção de lambes. Nas oficinas, desenvolvidas com a concordância da professora de Filosofia e Sociologia, foi trabalhado o entrelaçamento entre memória individual e coletiva, entre indivíduo e sociedade, biografia e história. A ideia central era resgatar e registrar a memória da escola e da própria localidade, a partir do acionamento das memórias e experiências juvenis, partindo do pressuposto de que é o indivíduo que refaz os acontecimentos a partir do momento presente, mas sempre se apoiando nas instituições e grupos que integram sua história. A memória individual atrelada à memória coletiva³⁰.

O ambiente escolar foi entendido como um espaço de socialização, de interação, de troca e de construção do conhecimento. Na sala de aula, local de confecção das oficinas, priorizou-se a ação dialógica, considerando a via de mão dupla do ensino e da aprendizagem, posto que o sujeito do conhecimento é simultaneamente sujeito do aprendizado³¹. Essa forma de ação é um princípio norteador da educação e da extensão e alavancou a construção e o compartilhamento de memórias da vila, bem como o fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade, evidenciado, também, quando da colagem dos lambes nos muros e postes do bairro.

Nesse contexto, os apontamentos resultantes deste trabalho partem da contestação da perspectiva hierarquizante da extensão universitária. Com efeito, aponta-se como alternativa a perspectiva da comunicação trabalhada por Freire³², que propõe a relação entre universidade e comunidade orientada pelo diálogo entre conhecimentos diversos. Consoante a isso, está a valorização da experiência em uma pedagogia engajada, sublinhada por hooks³³ como recurso de identificação que contribui para a construção do pertencimento e protagonismo pautada na interação, de acordo com Simmel³⁴, entre indivíduos e espaço. Todas essas questões perpassam a constituição da memória coletiva, na perspectiva aqui trabalhada, e estiveram presentes nos trabalhos de recuperação, registro e disseminação das memórias da Vila Zumbi. Trabalho que, em avaliação posterior da professora da escola, teve efetividade, posto que “a intervenção gerou e continua a gerar frutos em nossa comunidade tanto no corpo discente como docente [...]. E o vídeo criado pela equipe de alunos e professoras da UFPR faz parte de nossas aulas para que ninguém esqueça que o colégio é deles”³⁵.

De antemão, os encaminhamentos futuros desta pesquisa são as múltiplas possibilidades de análise contidas nessa experiência de extensão universitária, como os desdobramentos da memória relacionados à ascensão de novas linguagens na comunicação, especialmente na era da inovação. Além disso, interessa buscar arcabouço teórico para abordar este ou outros estudos a partir da sociologia da memória e das emoções. Em outros termos, velhos e novos novos vão sendo desenrolados e, ao mesmo tempo, utilizados para compor novas tessituras em uma artesanaria sociológica.

30 HALBWACHS, Maurice. *A Memória...* Op. cit.

31 FREIRE, Paulo. *Pedagogia...* Op. cit.

32 FREIRE, Paulo. *Extensão...* Op. cit.

33 hooks, bell. *Ensinando...* Op. cit.

34 SIMMEL, Georg. *O problema...* Op. cit.

35 Entre esses frutos, a professora citou seu ingresso no mestrado profissional e a formação de grêmios estudantis no ano de 2023, capitaneado pelos estudantes que participaram da atividade extensionista.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

IBGE. **Cidades**. Colombo. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/colombo/panorama>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

UFPR NA SUA VIDA - Memória Vila Zumbi. **Documentário** (30m). Curitiba: Agência Escola UFPR, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dQRrnSM5Clk>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SIMMEL, Georg. O problema da sociologia. *In*: Moraes Filho, Evaristo de (org.). **Simmel**: Sociologia. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1983.